

“SAIATO” NO COLÉGIO PEDRO II: O GÊNERO PERFORMATIVO E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO EM DEBATE

Leandro Teofilo de Brito
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: teofilo.leandro@gmail.com

Vanessa Silva Pontes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: vanessaflu@hotmail.com

Introdução

"Não me identifico com o gênero masculino. Quando você entra na escola, a primeira coisa que dizem é que te aceitam como você é. Aqui é o lugar onde eu mais me sinto acolhido, por isso me senti à vontade para me vestir como quis", disse o adolescente de 17 anos (odia.ig.com.br).

No mês de Setembro de 2014, jornais, blogs, noticiários, sites de notícias, dentre outros meios de comunicação, destacaram diversas matérias – como este fragmento apresentado acima, que foi retirado de uma delas - de que o Colégio Pedro II¹, tradicional instituição federal de Educação Básica, situada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, teria sido palco de um protesto de estudantes denominado de *Saiato* (saia + ato). As notícias relatavam que na referida instituição um estudante do sexo masculino, que identificava-se como transgênero, trocou a calça pela saia do uniforme dentro da escola, sendo interpelada pela direção a colocar novamente a calça, única opção na vestimenta escolar dos estudantes masculinos. Saindo em defesa da

¹ O Colégio Pedro II é uma tradicional instituição de ensino público, criada pelo governo imperial em 1837, e que, mesmo após a implantação do regime republicano no Brasil, em 1889, configurando-se como Ginásio Nacional (1890-1911), retoma sua denominação original e permanece sendo mantido pelo governo federal até os dias de hoje (MENDONÇA *et. al.*, 2013).



aluna, seus/suas colegas dias depois realizaram o *Saiato*, no qual vários/as estudantes, em especial do sexo masculino, foram à escola vestindo saia.

Este quadro nos coloca diante de duas situações: a vigilância da escola em manter normatizações relacionadas às identidades de gênero de seus alunos e suas alunas, enfatizando identidades inteligíveis (BUTLER, 2010) nos seus espaços, a partir do entendimento de que sexo anatômico, gênero, sexualidade e desejo devem ter uma coerência, pautada numa matriz heterossexual. Há nesta questão um processo de exclusão, ao não reconhecer às diferenças existentes entre seus/suas estudantes, tanto na questão do gênero como da sexualidade, que são reais e visíveis na instituição de ensino, como o próprio caso retrata. Entretanto, também pudemos constatar uma ação de inclusão relacionada ao episódio, advinda de uma atitude de subversão, pois, principalmente, jovens rapazes estudantes vieram em defesa da colega, trajando também uma saia em protesto ao ocorrido.

Os processos de inclusão/exclusão, conforme coloca Sawaia (2011), são complexos e multifacetados, além de reconhecidos sempre em uma relação dialética, pois falar de inclusão nos remete a discutir também o termo exclusão. Além disso, o escopo fundamental das discussões sobre o tema advém do nosso processo sócio histórico, já que, para a autora, inclusão/exclusão configura-se pelos recalcamientos em todas as esferas da vida social, vivido com necessidade do eu, tais como sentimentos, significados e ações. Assim sendo, as questões de gênero e sexualidade adentram hoje as discussões sobre os processos de inclusão/exclusão em nossa sociedade (FREITAS, 2009).

Buscamos, neste trabalho, discutir, tomando como base teórica a noção de gênero performativo, de Judith Butler, em interlocução com os estudos sobre Inclusão em Educação, algumas notícias veiculadas pela mídia (matérias nos sites do Jornal O Globo, Jornal O Dia e R7 Noticias) sobre o referido episódio. Utilizamos a técnica de

Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para sistematizar os dados encontrados. Na próxima sessão apresentaremos a parte conceitual do trabalho, e, em seguida, a discussão sobre as notícias destacadas pela mídia sobre o *Saiato*; por fim faremos nossas colocações e considerações finais sobre a pesquisa.

Um breve diálogo entre Inclusão em Educação e a noção de gênero performativo

Algumas pesquisas sobre questões de gênero e sexualidade, já traçaram interlocuções com o conceito de Inclusão em Educação em que se apoia este trabalho (FREITAS, 2009; BRITO, SANTOS & FREITAS, 2014; BRITO & FREITAS, 2014). Estas pesquisas concebem a Inclusão como um movimento histórico e político, um processo sutil e dialético², que reconhece categorias que vão além da questão da deficiência e da Educação Especial, como gênero, sexualidade, raça, etnia, dentre outros marcadores de diferenças, também suscetíveis a situações de exclusões, tanto no contexto escolar, como na sociedade como um todo. Dessa forma, a Inclusão no contexto da Educação possui papel primordial no que tange o reconhecimento das diferenças e das pluralidades, bem como das demandas educacionais apresentadas pelos educandos, no sentido de se combater os processos excludentes e segregacionistas.

Neste contexto, trazemos em diálogo com os processos de inclusão/exclusão presentes na nossa sociedade, a noção de gênero performativo da filósofa norte-americana Judith Butler (2001, 2010). A autora busca em seus estudos reconfigurar as concepções que afirmam que o gênero é construído culturalmente, sem negar esta construção, mas questionando o binarismo que ainda se faz presente na sua concepção cultural, que permanece sustentando o sexo binário ao associar o masculino aos homens e o feminino, às mulheres. Conforme alude a autora, “a distinção sexo/gênero sugere

² Sawaia (2011) afirma que a sociedade exclui para poder incluir, implicando assim no caráter ilusório da inclusão na sociedade. Desta forma, em lugar de se discutir apenas a inclusão ou a exclusão, o que se tem é a dialética inclusão/exclusão.



uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos” (BUTLER, 2010, p.24).

Nesta direção, a performatividade de gênero é a repetição estilizada de atos corporais, gestos e movimentos particulares, na qual o efeito de gênero é criado e imposto pelas estruturas regulatórias rígidas, que são coerentes com normas instituídas e com o poder do discurso, a partir de uma temporalidade social. Tais normas trabalham para materializar os corpos e o sexo de cada corpo, bem como suas diferenças, seguindo uma matriz heterossexual (BUTLER, 2001). O gênero performativo pode ser considerado uma prática reiterativa e citacional, pela qual o discurso produz os efeitos que o nomeia.

Em cima destas compreensões teóricas, o gênero performativo pode ser considerado uma estratégia de sobrevivência nos sistemas compulsórios, pois atos performativos de gênero que não venham ao encontro do que se considera como natural e como norma nas definições da sociedade, estão suscetíveis a consequências claramente punitivas e de exclusão social. Mas, e quando as normas de gênero são transgredidas? A noção de performatividade abre espaço para rupturas e subversões?

A noção de paródia de gênero, citada por Butler (2010), ao exemplificar o ato performativo de uma drag queen imitando uma mulher, propõe o gênero como uma estrutura não naturalizada e construída culturalmente a partir de uma fabricação, pois ao imitar o gênero, revela-se implicitamente a contingência do próprio gênero. Pinto (2013) também vai afirmar que Judith Butler aposta em dois conceitos derridianos para apontar deslocamentos na noção de performatividade: a iterabilidade e a citacionalidade. Enquanto o primeiro consiste na “propriedade do signo de ser sempre na sua mesmidade, a repetição na alteração” (p.36), a citacionalidade significa o atributo inerente ao signo de poder “ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, produzindo, por isso mesmo, significado” (*idem*, p.36). Segundo o argumento



derridiano, tais características não se apresentam como aleatórias ou acidentais, mas sim, indispensáveis aos signos.

A repetição, característica da performatividade de gênero a partir destes conceitos de Derrida, aponta que as normas que tendem a regular o gênero não são determinísticas sempre, e desta forma a possibilidade de agência é reconhecida e considerada, havendo também possibilidades reais de deslocamentos, deslizamentos e descontinuidades nas formas de identificação do gênero nos sujeitos.

Considerações sobre o *Saiato*

Utilizamos, para discussão neste trabalho, notícias referentes ao *Saiato* publicadas nos sites do Jornal O Globo, Jornal O Dia e R7 Notícias, veiculadas durante o período do mês de setembro, época em que o fato fora noticiado pela mídia. Utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para sistematizar os dados das matérias jornalísticas. Todas as iniciativas, que a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistem na sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, tendo por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, pertencem ao domínio da análise de conteúdo.

Conforme citado na introdução deste trabalho, o *Saiato* ocorreu porque a estudante teria trocado a calça pela saia no interior da escola, mas obrigada e voltar a colocar a calça, seguindo normas da escola, impostas pela direção:

O colégio alegou que o Código de Ética Discente não permite que alunos do sexo masculino utilizem o uniforme feminino e que todos os alunos devem obedecer as normas. Ele ainda afirmou que, até então, a estudante nunca havia manifestado a vontade de utilizar outro nome que não o de batismo ou outra identidade de gênero. Colegas da estudante, porém, disseram, através de uma rede social, que a aluna em questão “vem tentando reafirmar que é uma menina” (oglobo.globo.com).

Analisando a notícia, trazemos como discussão inicial a identificação da estudante, tratada como “ela” na reportagem do Jornal O Globo, mas ainda classificada entre “alunos do sexo masculino” na fala do Colégio no contexto da reportagem. Já no Jornal O Dia e no site de Notícias R7, a identificação é apenas masculina:

De acordo com o colégio, no sábado, o aluno trocou de uniforme dentro das dependências da escola, substituindo a calça azul marinho pela saia. Ainda segundo o Pedro II, a direção e o Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica (Sesop) conversaram com o aluno sobre a necessidade de seguir as regras estipuladas pela instituição sobre o uso do uniforme escolar. Após o diálogo, o aluno teria concordado em realizar a troca da saia pela calça (odia.ig.com.br).

A favor de um estudante do sexo masculino que foi à aula vestindo saia, outros alunos do Colégio Pedro II, da unidade de São Cristóvão, zona norte do Rio, resolveram fazer um protesto para repudiar a obrigatoriedade do uso de calças pelos alunos. A instituição de ensino optou por seguir o regulamento sobre o uso correto do uniforme e se posicionou contra ao uso de saias por meninos (noticias.r7.com).

Percebe-se, nas assertivas do Colégio e nas matérias publicadas pelo Jornal O Dia e pelo site de Notícias R7, uma não dissociação entre sexo e gênero, no qual ambos são tratados de forma apolar e singular. Tal indiscrição também pode significar uma não aceitação ou não reconhecimento do gênero real da aluna, tanto pelos veículos de informação citados, quanto pelo Colégio.

Este não reconhecimento da identificação de gênero reivindicada pela aluna denota um processo de inclusão/exclusão no contexto escolar, pois lhe é negado um direito básico de cidadania, fato muito corriqueiro nos cotidianos escolares vividos por travestis e transexuais. Freitas (2009) afirma que a pessoa que se identifica como transexual tem o desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto, desejo



esse, muitas vezes acompanhado de um sentimento de mal estar e inadaptação com sua identidade de gênero e com o seu sexo anatômico. Não permitir a liberdade na escolha de sua expressão de gênero é submeter a estudante a uma situação de exclusão, a qual, de acordo com Butler (2001), é uma conjuntura pela qual passam todos os processos construtivos do gênero: “Na verdade, a construção do gênero atua através de meios excludentes, [...] através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural” (p. 117).

As masculinidades dos jovens estudantes, como atos performativos, também foram colocadas em destaque pelas notícias, quando as mesmas apontavam o uso de saias pelos mesmos, em defesa da colega transgênero:

Cerca de 15 alunos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, foram à aula usando saias (oglobo.globo.com).

Em defesa do colega, um grupo de meninos foi à escola trajando saias (odia.ig.com.br).

Em defesa do colega, nesta terça-feira (2), um grupo de aproximadamente 15 meninos foi à escola trajando saias e participaram no movimento intitulado Saiato, em favor da diversidade sexual (noticias.r7.com).

Subversões, transgressões, paródias e deslocamentos nas masculinidades performativas destes jovens mostram-se como o ponto principal de análise dos excertos retirados das matérias jornalísticas. Contestando a homotransfobia da referida instituição escolar, estes jovens rapazes, aparentemente sem o medo de terem sua sexualidade “heterossexual” posta em questionamento, aparecem na escola de saia em defesa da colega excluída. Esta é uma questão que mostra mudanças nos paradigmas vigentes associados aos processos de inclusão/exclusão do gênero e da sexualidade. Para Butler (2010) a verdade interna do gênero é uma fabricação, uma fantasia instituída



e inscrita sobre a superfície dos corpos, por meio do discurso que busca estabilizar e fixar o que é masculino e feminino.

O Colégio também se posicionou em um comunicado sobre a questão, alegando que repudia qualquer tipo de intolerância e discriminação, e que se mostra aberto à reformulação de seu código de conduta:

Por enquanto, a aluna que desencadeou a discussão sobre diversidade de gênero permanece obrigada a utilizar o uniforme masculino, mas a instituição pública de ensino não rejeita a possibilidade de reformular seu código de conduta (oglobo.globo.com).

Ressaltamos que o atual Código de Ética Discente está sendo reformulado com a participação de toda a comunidade escolar, contando inclusive com a participação ativa dos alunos, que podem sugerir as alterações que acharem necessárias (oglobo.globo.com; noticias.r7.com).

O Colégio Pedro II reconhece que a adolescência é um período de descobertas e repudia qualquer tipo de intolerância e discriminação (oglobo.globo.com; odia.ig.com.br; noticias.r7.com)

Buscando uma ação de inclusão frente à repercussão do episódio, a resposta da instituição remete-se a avanços – quando afirma estar disposta a reformular seu código de ética, permitindo, inclusive, a participação da comunidade escolar nestas reformulações – e ao mesmo tempo a retrocessos, afirmando que “a aluna” permanecerá obrigada a usar o uniforme “masculino”, não reconhecendo assim a real identidade de gênero da estudante. Sawaia (2011) aponta, como afirmado anteriormente, que a dialética inclusão/exclusão constitui-se por categorias da mesma substância e formam um par indissociável, que se formam em sua própria relação, fato que constatamos a partir do comunicado da instituição de ensino, que “inlui e exclui” em sua fala oficial.

Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, discutir notícias veiculadas pela mídia sobre o *Saiato*, tomando como base teórica a noção de gênero performativo, de Judith Butler, em interlocução com os estudos sobre Inclusão em Educação.

De uma maneira geral, reconhecemos que o fato trouxe à tona na mídia a discussão sobre os diferentes atos performativos de gênero, tanto na visibilidade de uma estudante transgênero numa escola tradicional, como de jovens, em especial rapazes que, em defesa da colega, manifestaram-se vestindo saias para irem à escola. Em última análise, a discussão traz ainda contradições no que concerne a tolerância do Colégio às diversidades, uma vez que o mesmo permanece impedindo a aluna de trajar-se como se identifica.

Mudanças, mesmo que ainda lentas e pontuais, já se mostram presentes em nossa sociedade quando consideramos que o gênero e a sexualidade não são instâncias dadas e acabadas por si só, mas que são plurais, múltiplas e performativas, permeadas a todo momento pelos mecanismos e processos de inclusão/exclusão, nesse ir e vir constante de avanços, retrocessos e negociações.

Referências

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 1ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BRITO, Leandro Teofilo de; FREITAS, José Guilherme de Oliveira. Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão: reflexões a partir de um curso de extensão para professores/as. In: **Anais do III Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos**, 2014.

BRITO, Leandro Teofilo de; FREITAS, José Guilherme de Oliveira; SANTOS, Mônica Pereira dos. “Não, isso não é coisa pra homem” - Masculinidades e os processos de inclusão/exclusão em uma escola da Baixada fluminense - RJ. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n.2, p. 114-125, 2014.

FREITAS, José Guilherme de Oliveira. Inclusão e Gênero. In: SANTOS, Monica Pereira dos.; FONSECA, Michele Pereira de Sousa da; MELO, Sandra Cordeiro de Melo. (Orgs). **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: Editora CRV, 2009, p. 145-172.

MARTINS, Felipe; GAYOSO, Lucas; LIMA, Paulo. **Estudantes do Pedro II protestam a favor de aluno que foi à aula de saia**. Disponível em: < <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-09-02/estudantes-do-pedro-ii-protestam-a-favor-de-aluno-que-foi-a-aula-de-saia.html>>. Acesso em: <28 de Outubro de 2014>.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C. *et. al.* A criação do Colégio Pedro II e seu impacto na constituição do magistério publico secundário no Brasil. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 39, p. 985-1000, 2013.

O Globo. **Meninos do colégio Pedro II vão à escola de saia em apoio a colega transexual**. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/meninos-do-colegio-pedro-ii-vaio-escola-de-saia-em-apoio-colega-transexual-13893794>>.

<Acesso em 28 de Outubro de 2014>

PINTO, Joana Plaza. O percurso do performativo. **Revista Cult**, São Paulo, p. 35 - 36, novembro de 2013.

R7. **Estudantes de colégio tradicional do Rio protestam a favor de aluno que foi à aula de saia**. Disponível em: < <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/estudantes-de-colegio-tradicional-do-rio-protestam-a-favor-de-aluno-que-foi-a-aula-de-saia-03092014>>. Acesso em: <28 de Outubro de 2014>.

SAWAIA, Bader. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader. (Org.). **As Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.